



A guerra chega ao Estreito de Ormuz

Irã ataca vários navios no canal responsável pelo escoamento de um quinto do petróleo mundial e espalha minas pela região. Teerã ameaça bombardear bancos ligados aos EUA e a Israel. Funeral de autoridades iranianas reúne milhares

» RODRIGO CRAVEIRO

O Estreito de Ormuz, uma das vias marítimas mais importantes para o comércio mundial, transformou-se em uma das áreas sensíveis da guerra entre Estados Unidos, Israel e Irã. Navios em chamas e minas navais espalhadas pelas forças iranianas ameaçaram o tráfego de embarcações na região. O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, garantiu que a Operação Fúria Épica acabou com a Marinha de Teerã e anunciou que as forças norte-americanas destruíram 28 navios minadores, responsáveis pela instalação dos explosivos. O Irã atacou vários navios no Estreito de Ormuz, incluindo um porta-contêineres, dois cargueiros e um graneleiro de bandeira tailandesa — os 20 tripulantes deste navio foram resgatados com segurança. O titular da Casa Branca afirmou que “muito em breve” haverá “grande segurança” no canal. Pouco depois, declarou que os EUA “devem terminar o trabalho” no Irã. O regime teocrático islâmico advertiu que a guerra poderá ser “longa” e “destruir a economia mundial”. Também ameaçou os centros financeiros e bancos vinculados aos EUA e a Israel no Oriente Médio. O conglomerado Citigroup e a consultoria Deloitte, também presente em Brasília, foram forçadas a esvaziar seus escritórios em Dubai, nos Emirados Árabes Unidos.

Ali Fadavi, assessor do comandante-chefe da Guarda Revolucionária Iraniana, enviou um alerta a americanos e israelenses “Eles devem considerar a possibilidade de se verem envolvidos em uma guerra de desgaste de longo prazo que destruirá toda a economia americana e a economia mundial”. Em entrevista ao site Axios, Trump assegurou que “praticamente nada resta para atacar” no Irã e tornou a prever o rápido fim da guerra. “Assim que eu quiser que isso pare, vai parar”, avisou, em resposta a Teerã, mas também a Israel Katz, ministro da Defesa israelense, segundo o qual a operação “continuará sem qualquer limite de tempo”. No Líbano, as Forças de Defesa de Israel (IDF) intensificaram os bombardeios ao sul da capital Beirute, um bastião do movimento fundamentalista xiita Hezbollah.

Marinha Real Tailandesa/AFP



O cargueiro tailandês “Mayuree Naree” em chamas, próximo ao Estreito de Ormuz, depois de um ataque iraniano: 20 marinheiros resgatados



Não queremos ir embora antes da hora, certo? Temos que terminar o trabalho, não?”

Donald Trump, presidente dos Estados Unidos

Sean Foley, professor de história islâmica e de Oriente Médio da Middle Tennessee State University, classifica como “graves” os últimos desdobramentos no Estreito de Ormuz. “Eles poderiam impactar qualquer país que utilizar o canal para exportar energia ou alumínio para o resto do mundo ou importar mercadorias ou alimentos à região, mesmo após o fim das hostilidades”, admitiu ao **Correio**.

Atta Kenare/AFP



Caminhão com caixões de oficiais da Guarda Revolucionária, em Teerã

“As minas impactarão qualquer um que tentar navegar pelo Estreito de Ormuz. Os navios dos Estados Unidos são extremamente suscetíveis às minas. De fato, elas são consideradas há muito tempo o ‘calcanhar de Aquiles’ da Marinha dos EUA. Quinze dos 19 navios da

Marinha dos EUA afundados ou seriamente danificados por ações inimigas desde 1945 foram vítimas de minas inimigas.”

Foley esclarece que as minas podem provocar ainda mais caos nos mercados mundiais de energia e financeiros. Ele ressaltou que apenas

três dos principais exportadores de petróleo da região (Omã, Emirados Árabes Unidos e Arábia Saudita) possuem rotas terrestres viáveis que não atravessam o Estreito de Ormuz. “Isso significa que partes significativas das principais exportações da região — como energia (petróleo e gás natural) e alumínio — não podem ser facilmente escoadas para o exterior. Basta vermos a forte alta nos preços do petróleo bruto na segunda-feira, que começa a ser sentida em todo o mundo. Países como Bangladesh e Filipinas estão implementando aulas on-line ou limitando o número de dias semanais de trabalho presencial dos funcionários públicos. Na Tailândia, as pessoas estão sendo orientadas a caminhar em vez de usar elevadores! Por sua vez, os países do Golfo não podem importar recursos vitais”, advertiu. “Vale lembrar que 30% de todos os fertilizantes do mundo transitam pelo Estreito de Ormuz, resultado dos abundantes recursos de gás natural da região.”



Eles devem considerar a possibilidade de se verem envolvidos em uma guerra (...) que destruirá toda a economia americana e a economia mundial”

Ali Fadavi, assessor do comandante-chefe da Guarda Revolucionária Iraniana

Cortejo fúnebre

Em Teerã, uma multidão se reuniu na Praça Enghelab (“Revolução”) para o cortejo fúnebre de autoridades mortas durante os bombardeios israelo-americanos. Os caixões foram levados em caminhão com as laterais da caçamba abertas e coberto por uma enorme bandeira do Irã e por fotos do aiatolá Ali Khamenei. Entre os corpos, estavam os de Abolrahim Moussavi, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas; Mohammad Pakpour, comandante da Guarda Revolucionária; Aziz Nassirzadeh, ministro da Defesa; e Ali Shamkhani, assessor de Segurança. Até o fechamento desta edição, o funeral de Khamenei, morto em um ataque aéreo em 28 de fevereiro, não tinha data marcada.

Um assessor do aiatolá Mojtaba Khamenei, líder supremo iraniano escolhido no domingo, disse que Trump é o presidente “mais corrupto e estúpido da história”. “É o Satanás em pessoa”, disparou Yahya Safavi. O embaixador do Irã no Chipre, Alireza Salarian, revelou ao jornal britânico *The Guardian* que Mojtaba sofreu lacerações no rosto e uma fratura no pé, durante o bombardeio que matou o pai, Ali Khamenei.

Para Arash Azizi, historiador da Universidade de Yale, tanto os EUA quanto o Irã fletam com a possibilidade de um cessar-fogo a curto prazo. “Ao mesmo tempo, vemos Israel iniciando uma nova atividade. Temos visto confrontos armados em Teerã envolvendo as forças de segurança, o que tem levado militares iranianos de alta patente a saírem às ruas para combates. Poderem ocorrer novas surpresas em breve.”

CHILE

Kast assume como o presidente mais à direita desde Pinochet

O Chile impossou, ontem, o primeiro presidente ultraconservador desde 1990. O advogado de extrema-direita José Antonio Kast, 60 anos, assumiu o Palácio de La Moneda determinado a instaurar um “governo de emergência” para combater a violência e a imigração ilegal. O novo chefe de Estado tomou o juramento dos 24 ministros que compõem o seu gabinete — dois deles foram advogados do general Augusto Pinochet, responsável por comandar um aparato repressivo que deixou mais de 3.200 mortos e desaparecidos. A cerimônia de posse contou com os presidentes Javier Milei (Argentina), Daniel Noboa (Equador) e Rodrigo Paz (Bolívia), além da líder opositora e Nobel da Paz venezuelana María Corina Machado. Como o presidente Luiz Inácio Lula da Silva desistiu da viagem, o Brasil esteve representado

pelo chanceler Mauro Vieira. Ao fim da cerimônia de posse, Kast cumprimentou simpatizantes enquanto desfilava a bordo de um Ford Galaxie preto conversível, carro oferecido pela rainha Elizabeth II, do Reino Unido, em 1968.

Marcelo Mella, cientista político e professor do Departamento de Estudos Políticos da Universidad de Santiago de Chile, afirmou ao **Correio** que se espera, para os próximos dias, o anúncio de Kast sobre o roteiro para enfrentar os dois compromissos principais de campanha: o combate à violência criminal e o controle da imigração ilegal. “Nesse sentido, deve existir uma mudança de discurso, desde uma condição de candidato desafiante ao chefe do Poder Executivo para adotar uma retórica que inclua propostas para resolver problemas demonstrados

Javier Torres/AFP



José Antonio Kast acena a simpatizantes a bordo de conversível

como complexos e de difícil resolução para o país”, explicou.

Para o especialista, Kast reforçará os aparatos de inteligência no Chile, incluindo os mecanismos de

investigação para a detecção de fraudes bancárias e lavagem de dinheiro. “O presidente também precisará fortalecer a política carcerária e a instituição Gendarmería (polícia), que

aparece fortemente tensionada pelo aumento, nos últimos anos, da quantidade de pessoas privadas de liberdade”, observou.

Corredor humanitário

Em relação à política migratória, Mella acredita que o novo chefe de Estado buscará uma fórmula para viabilizar o corredor para o encaminhamento de pessoas vivendo no Chile em situação irregular. “Até o momento, o anúncio do chamado ‘corredor humanitário’ não surtiu efeito, pois as conversas com os governos do Peru e do Equador não resultaram em uma coordenação que torne possível devolver os migrantes à Venezuela”, disse. O professor lembrou que a líder opositora venezuelana María Corina Machado esteve na posse de Kast,

sinalizando que as condições na Venezuela mudaram com a captura de Nicolás Maduro e que o retorno dos migrantes ao país é seguro e necessário para modificar o regime.

O ultradireitista pretende apresentar decreto para fazer tramitar projeto de lei que transforma em crime a entrada irregular de imigrantes e facilita a expulsão sumária dos estrangeiros ilegais. Ao analisar o gabinete de Kast, Mella disse ver grande número de independentes e uma representação mínima de partidos da direita, o que sugere complexidade de acordos entre Executivo e Legislativo. “Na história política chilena, desde o início do século 20, os governos são de coalizão, que usam a nomeação de ministros como mecanismo para o controle dos custos de negociação no Congresso”, destacou. **(Rodrigo Craveiro)**